

GESTÃO, USO E ACESSO À INFORMAÇÃO NA MODERNIDADE

*Rubens de Lyra Pereira*¹

*Débora Lopes Miranda*²

RESUMO

A informação e sua disponibilidade sempre foram objeto de preocupação social e política nas mais variadas sociedades. Tido como instrumento de apoderamento, o acesso à informação constitui um dos mais intrincados e importantes assuntos a serem tematizados. Nesse ponto, destacaremos alguns dos principais aspectos e desafios enfrentados pela arquivística na modernidade. O primeiro deles é o papel estatal no fomento e disseminação de novas práticas democráticas de gestão da informação. O segundo aspecto a ser destacado é a nova lógica da gestão da informação, direcionada ao usuário, e que se afasta de uma visão isolacionista sistêmica voltada apenas para a própria ciência arquivística.. Por fim, destacamos a compatibilização da gestão da informação com as novas tecnologias.

Palavras Chaves: Informação; arquivística; gestão; usuário; novas tecnologias.

ABSTRACT

The information and its availability have long been social and political concern in various societies. Seen as an instrument of empowerment, access to information is one of the most intricate and important issues to be themed. At that point, we will highlight some of the main aspects and challenges faced by the

¹ Graduado em Direito. Especialista em Segurança Pública, Cultura, Cidadania e Direitos Humanos. Mestrando em Justiça Administrativa pela Universidade Federal Fluminense – UFF

² Graduada em Direito. Especialista em Direito Civil e Processo Civil. Especialista em Gestão Pública de Gênero e Raça. Mestranda em Justiça Administrativa pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

archival modernity. The first is the state role in the promotion and dissemination of new democratic practices in information management. The second aspect to be highlighted is the new logic of information management, directed to the user, and that moves away from a systemic isolationist vision geared only for archival science itself .. Finally, we highlight the compatibility of information management with new technology.

Key words: Information; archival; management; user; New technologies.

INTRODUÇÃO

A informação e sua disponibilidade sempre foram objeto de preocupação social e política nas mais variadas sociedades. Tido como instrumento de apoderamento, o acesso à informação constitui um dos mais intrincados e importantes assuntos a serem tematizados.

No decurso da história da humanidade, os detentores de informação sempre estiveram em posição de vantagem sobre os que não dispunham de acesso a ela. Disputas geográficas, avanços tecnológicos e desenvolvimento econômico nunca puderam se dissociar do acúmulo estratégico de informação, na maioria das vezes pouco democratizada.

Nesse linha, não de ser pensados os avanços e desafios enfrentados pelos mecanismos de gestão da informação. Inquestionável é a necessidade de discussão sobre as formas de gestão segura da informação. Não menos importante é o debate sobre a necessidade de democratizá-la, atentando para o contexto globalizado e extremamente veloz através do qual a informação é disseminada na modernidade.

A arquivística, definida como a ciência que estuda a gestão dos processos de produção e compartilhamento da informação, é dotada de papel fundamental

para o aprimoramento do conhecimento. Desenvolvendo técnicas inovadoras de gestão da informação, essa ciência terá a função precípua de facilitar a produção e o compartilhamento do conhecimento humano, primando pela evolução de nossa espécie.

A ARQUIVÍSTICA COMO CIÊNCIA. A NECESSIDADE DE UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR.

A chamada ciência da arquivística é dotada de inegável importância na modernidade. A era atual, conhecida como “era da informação” tem como principal característica a grande quantidade de fluxos de dados, transmitidos e compartilhados das formas mais variadas.

A arquivística é catalogada como pertencente ao ramo científico, visto que se propõe ao estudo e proposição de métodos regulares para a gestão da informação, o que lhe conferiria como estudo voltado a uma espécie de conhecimento científico.

A despeito disso, é impossível afastarmos as influências externas ao campo científico, que acabam por influenciar os caminhos da gestão da informação. A política, a economia e as novas tecnologias acabam por tornar incertos os rumos da gestão do conhecimento, sendo impossível dissociar essa dita ciência dos demais influxos inerentes às humanidades.

Há a necessidade de atentarmos inicialmente para o uso político da gestão do conhecimento. Por interesses que só o complexo campo da política e das estruturas de poder poderiam esclarecer, há a concentração de informação e produção do conhecimento em determinadas áreas do planeta.

Dentro da lógica do sistema capitalista, a produção de conhecimento e sua gestão são movidas quase sempre por interesses econômicos. Atrela-se o incentivo ao estudo e à democratização da informação ao mercado consumidor. Por depender de incentivos monetários, a pesquisa e a produção de conhecimento fica, na maioria das vezes, atrelada ao retorno financeiro daquele estudo. Ainda que se busque inicialmente a produção democrática da informação ou o atendimento às necessidades não-comerciais das sociedades, normalmente a pesquisa é inserida na lógica da produção secundária de algum objeto lucrativo, a fim de serem atraídos patrocinadores. Estes últimos, aos quais se garante a exclusividade futura da exploração do que será desenvolvido na pesquisa, movem-se dentro da lógica da necessidade de multiplicação do capital, sendo raros os casos de altruísmo para auxiliar no financiamento desinteressado dos processos de produção de conhecimento.

Por esses argumentos, embora reconheçamos a natureza científica da arquivística, torna-se imperioso o diálogo desta com os demais influxos políticos e econômicos, que acabam por afetar de forma contundente a gestão do processo de informação.

Apenas a conjugação multidisciplinar dos mais variados ramos das ditas humanidades poderá fornecer caminho seguro a fim de atingirmos os objetivos de gestão democrática e cidadã dos processos de produção e disseminação do conhecimento.

O PAPEL DO ESTADO

Na linha do destacado no capítulo anterior, temos a necessidade de análise multidisciplinar dos processos de gestão da informação. As influências políticas e econômicas não poderão ser desconsideradas, sob pena de incorreremos na crença pueril de que a própria ciência e seus mecanismos, de forma isolada,

lograrão êxito na resolução das dificuldades enfrentadas na busca pela democratização da informação.

Assim sendo, devemos destacar o papel estatal no estabelecimento de mecanismos de fomento de políticas que visem a produção e gestão democráticas da informação.

Dentro da lógica neoliberal atual, o Estado está afastado de atividades afetas ao campo da economia e prestação direta de serviços. Concebido como regulador das atividades privadas, o Estado está configurado como um grande fiscal do desempenho privado no contexto social.

Nessa linha, é papel fundamental do Estado a fiscalização e o fomento da gestão adequada dos fluxos de informação. Atento às necessidades daquela sociedade, o gestor estatal deve direcionar a produção da informação para o que seja mais útil ao corpo social. Além disso, deve instituir mecanismos para a democratização do que seja produzido, evitando o acesso seletivo às informações de interesse público.

Combate-se, dessa forma, o uso ilegítimo das informações de interesse público, como se de caráter privado fossem. Exemplificando, o desenvolvimento de medicação inovadora ou mesmo de outros processos que irão facilitar a vida em sociedade não pode ser relegada a uma parcela selecionada da população. Evita-se, por conseguinte, o uso da informação como instrumento de dominação, conscientizando, ainda que de forma coercitiva, os entes privados sobre o caráter público das informações fundamentais.

O tratamento da informação na modernidade deve ser visto sob a ótica de promoção do exercício da cidadania e do empoderamento da sociedade contra formas de intolerância e preconceito.

Nesse entendimento, o papel estatal é fundamental para abrandar a voracidade inerente ao sistema capitalista no que tange ao uso estratégico da informação que visa à manipulação voltada quase exclusivamente à produção de lucro.

FOCO NO USUÁRIO

Durante algum tempo, a gestão da informação teve como principal objeto o próprio sistema gestacional. Buscava-se o aprimoramento da gestão enquanto ciência, direcionando o estudo para o interior do próprio sistema. Inexistia abordagem teleológica contundente que analisasse as finalidades da ciência que se desenvolvia.

Modernamente, opera-se uma espécie de “giro epistemológico” através do qual direciona-se a produção do conhecimento arquivístico para o sujeito (usuário) e não para o próprio sistema. O usuário passa a ser entendido com o elemento fundamental para os sistemas de informação. Esses deverão ser concebidos com foco nas necessidades humanas, invertendo a lógica de desenvolvimento sistêmico auto-suficiente.

A mudança de paradigma em questão transita da chamada “abordagem tradicional” para o que se denominou “abordagem alternativa”. Há a consciência de que os arquivistas não servem aos arquivos mas à própria sociedade e seus integrantes.

Nessa linha, os modelos gestacionais deverão sempre se indagar sobre o destinatário da informação e qual será a utilidade dela. A posição social na qual se insira o destinatário da informação não poderá ser deixada de lado no processo de democratização desta. A necessidade de interação adequada e as formas através

das quais essa interação será promovida passam a ser objeto de cuidado por parte da arquivística.

Os gestores de informação passam a ser responsáveis não só pelo armazenamento adequado dos dados, mas também por todo o processo através do qual será *inteligentemente* produzida, de forma a ser viável a sua transmissão e apreensão pelo público alvo.

Pelo exposto, desenvolve-se a noção de *usabilidade*, termômetro através do qual será avaliada a qualidade de uso de um sistema. Levam-se em conta os diferentes tipos de usuários, bem como as tarefas a serem desempenhadas por eles nos mais diversos tipos de ambientes.

A usabilidade busca a aproximação entre o usuário e o sistema de gestão da informação, constituindo-se em importante instrumento para a consecução do objetivo de democratização da gestão da informação.

Na perspectiva da usabilidade, avalia-se o quanto o sistema de informação é eficiente nos seguintes aspectos: facilidade de aprendizado, eficácia de uso, facilidade de memorização da informação e baixa taxa de erros.

Na gênese de sua constituição, o sistema de informação que leva em conta as características dos usuários aos quais se destina terá mais chances de atingir seu objetivo precípua, que é o de atender às demandas dos seus destinatários.

Dessa forma, a nova visão sobre os objetivos da arquivística, focada nos usuários, é a que propicia o uso democrático e a promoção da cidadania, tornando inviável a adesão à visão tradicional, direcionada ao próprio sistema de arquivos.

Por fim, destacamos que a mudança teleológica operada na ciência arquivística se aliará aos novos mecanismos de produção e gestão da informação, primando pela acessibilidade e uso eficiente da tecnologia.

A GESTÃO DA INFORMAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS. A BUSCA PELA ACESSIBILIDADE.

Na esteira da necessidade de democratização do acesso à informação, surgem, oportunamente, as novas tecnologias. Como acentuado acima, os estudos de uso da informação deverão ser desenvolvidos sempre em acordo com o questionamento sobre quem será o destinatário da informação.

O cuidado com o destinatário da informação se torna primordial sob a ótica da nova configuração da arquivística. A ciência prima sobretudo pela análise sob a perspectiva do usuário e sua facilidade de acesso à informação, *atentando para eventuais necessidades especiais*.

As necessidades especiais dos usuários podem se referir aos mais variados aspectos: quanto à dificuldade de aprendizagem, de mobilidade, de comunicação, dentre outras. Por esse motivo, o oportuno desenvolvimento tecnológico será instrumento de extrema valia para a disseminação *adequada* da informação, zelando pela recepção e assimilação dos conteúdos em sua plenitude.

Dentro da acessibilidade conceituada, destacamos as facilidades tecnológicas trazidas visando a acessibilidade motora, auditiva e visual. Múltiplos são os mecanismos desenvolvidos para a aprendizagem de cegos, surdo-mudos e pessoas com dificuldade de locomoção. Como destacado em capítulo anterior, em muitas ocasiões, o desenvolvimento de tais mecanismos não é visto como possibilidade de atividade lucrativa pelo grande empresariado, tornando imperiosa a necessidade de intervenção estatal para o fomento da lógica inclusiva.

Além dos tipos de acessibilidade citados, é necessário destacarmos aquela que será a maior barreira entre o conteúdo disponível e os usuários aos quais se

destina: a dificuldade cognitiva. Essa deficiência, muitas vezes pouco percebida, é a barreira mais difícil de ser transpassada.

As dificuldades enfrentadas pela deficiência cognitiva dependerão de medidas inclusivas que vão além do mero acesso físico ou jurídico aos conteúdos armazenados e desenvolvidos. O chamado “acesso intelectual” dependerá da conjugação de aspectos políticos, culturais e materiais para efetivação da adequada interação. Sem a contextualização dos usuários com a linguagem e os aspectos culturais do chamado “mundo da vida”, os mecanismos de simples acesso físico serão insuficientes para a interação e democratização da informação buscadas.

Atentando-se para a premissa de que todo o conhecimento é constituído a partir da linguagem como simbolismo que permite a interação entre os humanos, salutar é trazer-mos à lume a noção de “mundo da vida”, inicialmente desenvolvida por Edmund Husserl e apreendida por Jürgen Habermas como conceito fundamental para o desenvolvimento de uma ética do discurso.

O paradigma de Habermas é o comunicativo. Através dessa concepção, o indivíduo não se coloca mais como o sujeito cognoscente da teoria clássica do conhecimento. O “eu” pensante se constituirá no mundo da vida através de sua relação e interação com outros sujeitos, formulando concepções intersubjetivas sobre os objetos e o que venham a representar para a via cotidiana.

Valemo-nos dos ensinamentos do pensador alemão para corroborar a idéia de que inexistirá conhecimento ou apreensão de informação, sem que levemos em conta a inter-relação político-social dos indivíduos. Proporcionar mero acesso físico ou jurídico ao conteúdo informacional, será inócuo ante às dificuldades existentes para indivíduos que estejam fora de determinado “mundo” alijados por contextos políticos ou sociais excludentes tão comumente encontrados no sistema capitalista.

Ao formular sua teoria do agir comunicativo, Habermas resgata o termo “mundo da vida”, mas, de certa forma, afasta-se dele, como se nota na passagem a seguir:

Não vou me deter aqui no método de Husserl, nem no contexto que cerca a introdução de seu conceito “mundo da vida”; eu me aproprio do conteúdo material dessas pesquisas, estribando-me na idéia de que também o agir comunicativo está embutido num mundo da vida, responsável pela absorção dos riscos e pela proteção da retaguarda de um consenso de fundo.³

Nesse contexto muitas vezes excludente, não de ser usados todos os mecanismos tecnológicos disponíveis, valendo-se positivamente da globalização que permite a difusão de informações a despeito da vontade política. As redes sociais, os sistemas de ensino à distância e demais tecnologias inclusivas podem ser utilizadas de forma eficiente, prescindindo de grandes investimentos econômicos para a sua o estabelecimento de política inclusiva.

Fundamental será a ampla inclusão dos usuários no contexto lingüístico do “mundo da vida”, viabilizando a o acesso intelectual necessário à apreensão do conteúdo informacional em sua plenitude. Suplantam-se, dessa forma, as barreiras políticas e sociais. Nesse caminho, a arquivística e a moderna gestão da informação desempenham papel de suma importância na atualidade.

CONCLUSÃO

Disciplina muitas vezes relegada ao segundo plano, a arquivística é reconhecida modernamente como elemento fundamental à configuração democrática da sociedade.

³ Habermas, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico. Estudos filosóficos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002, p. 86

Somente com a disseminação adequada e irrestrita dos conteúdos informacionais, será viabilizada a inclusão dos usuários nos sistemas de gestão da informação, evitando o uso seletivo de dados como instrumentos de poder.

Constituída necessariamente através da linguagem e da interação entre os indivíduos, a produção e a disseminação de informação dependerão da possibilidade de acesso de todos os participantes da sociedade, primando pelo abrandamento de eventuais limitações físicas ou psicológicas de determinado indivíduo.

Nessa linha, destacamos o papel estatal no fomento e direcionamento do uso democrático da informação, estimulando os setores privados a lidarem com a produção de conhecimento, sob a lógica de destinação pública dos conteúdos essenciais ao desenvolvimento da sociedade.

Além disso, a gestão da informação deverá primar pelo acesso intelectual de todos os usuários, contextualizando sempre a produção e a difusão da informação. Muitas vezes imperceptível, a barreira da falta de acesso intelectual é de difícil transposição, dependendo também da inserção dos usuários no “jogo de linguagem”⁴ ali desenvolvido. Essa inserção viabilizará o acesso ao conteúdo produzido, democratizado verdadeiramente a informação.

Por todo o exposto, asseverada a importância da ciência arquivística, temos a disciplina como um instrumento fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento das formas de interação entre os usuários e os conteúdos disponíveis, primando sempre pela produção direcionada ao ser humano, finalidade última de todas as ciências.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

HABERMAS, Jürgen. Teoría de la acción comunicativa. Volumes I e II. Version castellana de Manuel Jiménez Redondo. Madri: Taurus, reimpressão 1988.

_____. A inclusão do outro. Tradução George Sperber. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. Pensamento pós-metafísico. Estudos filosóficos. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

SIEBENEICHER, Flávio Beno. Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.